

## URIEL DA COSTA: REESCRITA DE AGUSTINA BESSA LUÍS

Da variada e rigorosa actividade de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, decidi seleccionar uma pequena monografia sobre Gabriel da Costa, personagem que nasceu no Porto nos finais do século XVI e cujos escrúpulos e dúvidas atormentaram a existência ao ponto de mudar de religião, de se expatriar e até, em desespero total, de se suicidar. Esta figura despertou, anos mais tarde, cerca de sessenta anos depois, o interesse de Agustina Bessa Luís que, num romance intitulado *O Bicho da Terra* (1984), se propõe recriar a personalidade desse judeu converso, numa análise que, se se afasta da preocupação de cientificidade manifestada a cada passo por Carolina Michaëlis, acaba por tentar desvendar os meandros do inconsciente, as razões e motivações que o levaram a pensar e agir de determinada forma. A autora de *Sibila*, como aliás é seu hábito, foge do estritamente factual, apesar de ter a preocupação de não deturpar acontecimentos, nomes ou práticas (religiosas ou outras), para se fixar prioritariamente na interpretação daquilo que, facilmente constatado, nem sempre é alvo de leituras transgressivas porque os autores evitam aventurar-se no domínio das conjecturas ou das suposições, terreno de sobremaneira aliciante para Agustina.

Neste pequeno, e necessariamente lacunar e imperfeito estudo, sobre a forma como a figura de Gabriel (Uriel) da Costa foi aproveitada pela estudiosa que foi Carolina Michaëlis e pela romancista que é Agustina Bessa Luís, não nos preocupamos em emitir opinião sobre a sua vida e obra, dado que, menos do que os sucessos trágicos da sua existência, nos interessam os discursos que sobre ele se escreveram (sobretudo os dois citados), na medida em que eles curiosamente se aproximam, apesar da irremediável distância.

O último parágrafo de uma espécie de testamento espiritual, *Exemplar Vitae Humanae*, que Uriel da Costa deixa junto do seu cadáver, parece convidar os vindouros à emissão de juízos libertos e esclarecidos sobre a sua personalidade: «Tal é a verídica narração da minha vida. A personagem que representei no vão espectáculo deste mundo, durante esta pobre e inquieta vida, expu-la aos vossos olhos. E agora, filhos dos homens, que vossa justiça julgue, sem que vosso coração

pese na balança. Acima de tudo, pronunciai uma sentença livre e conforme com a verdade. É isso que incumbe aos homens dignos de tal nome. Se a narração da minha vida vos oferece alguma coisa que mereça a vossa comiseração, reconhecei a miséria da condição humana e chorai-a, lembrando-vos que vós próprios dela participais. E para que tudo fique dito, revelarei que em Portugal, como cristão, me chamava Gabriel da Costa, e entre judeus ( e que demónio me conduziu para eles?), Uriel.»<sup>1</sup>

Do relato de Carolina Michaëlis, curiosamente, já ressaltam pequenos pormenores que apontam, de modo inegável, na linha que Agustina irá explorar e que actualizam dados que sabemos serem apanágio de qualquer biografia, por mais objectiva e rigorosa que se pretenda. Como diz Philippe Lejeune, o biógrafo terá sempre de tentar compreender a verdade do outro, partindo de uma situação de exterioridade, situação que poderá ser contornada de formas diversas, senão opostas<sup>2</sup>. A consciência de que o discurso histórico não é unívoco e de que um facto para ser verdadeiro tem de ter pelo menos duas versões da sua ocorrência, uma vez que a história nunca é a transcrição pacífica e especular de uma só verdade<sup>3</sup>, terá consequências várias, não só ao nível da literatura, como também no da historiografia propriamente dita. A noção que Paul Ricoeur valoriza, de que o historiador está definitivamente envolvido com a história que narra<sup>4</sup> (que estuda, pois só a pode estudar, narrativizando-a), vem facilitar o aparecimento do discurso transgressivo que encontra no acto subversivo a sua principal legitimação.

Pelas suas características próprias, a biografia comunga desta instabilidade, na medida em que só pode ser lacunar e suspeita<sup>5</sup>, construindo versões do mundo que jamais poderão ser a sua simples imitação<sup>6</sup>, mas que procuram, frequentemente,

<sup>1</sup> Uriel da Costa, *Exame das Tradições Farisaicas*, acrescentado com Samuel da Silva, *Tratado da Imortalidade da Alma*, intr., leitura, notas e cartas genealógicas por H.P. Salomon e I.S.D. Sassoon, Braga, Edições APPACDM Distrital de Braga, 1995, p.584.

<sup>2</sup> Cf., Philippe Lejeune, «Moi, la Clairon», in *Cahiers de Sémiotique Textuelle*, Universidade de Paris X, nº16, 1989, p.185: «Le paradoxe est que la biographie "normale" se donne pour tâche de comprendre la vérité d'un autre, en partant d'une situation d'extériorité, et en utilisant des sources d'information et des documents multiples, en confrontant les points de vue.»

<sup>3</sup> Cf., Linda Hutcheon, *A Poetics of Postmodernism – History, Theory, Fiction*, Nova Iorque e Londres, Routledge, 1988, p.129: «(...) history is not the transparent record of any sure "truth"».

<sup>4</sup> Cf. Paul Ricoeur, *Temps et Récit*, Paris, Seuil, 1983, p.142: «Si l'histoire est la relation de l'histoire au passé, on ne peut traiter l'historien comme un facteur perturbant qui s'ajouterait au passé et qu'il faudrait éliminer.»

<sup>5</sup> Cf., Philippe Lejeune, art.cit., p.185: «c'est le texte partial, lacunaire et suspect que le biographe va essayer d'imaginer pour transmettre au lecteur son interprétation modèle».

<sup>6</sup> Cf., Barbara Foley, *Telling the Truth: The Theory and Practice of Documentary Fiction*, Ithaca-London, Cornell University Press, 1986, p. 11: «All writing, all composition, is construction. We do not imitate the world, we construct versions of it. There is no mimesis, only poesis.»

encontrar a face escondida dos documentos<sup>7</sup>, face esta que prefiguraria o hiato entre o real e o imaginário, entre a factualidade e a sua transposição para a escrita<sup>8</sup>. Consciência deste fenómeno tinha Agustina quando afirma que «Gabriel da Costa (...) está sujeito a tantas emendas e retoques que o tornam decerto irreconhecível na sua época e na sua história verdadeira.»<sup>9</sup>, optando, por conseguinte, por assumir, numa espécie de prólogo, a diferença fundamental entre o estudo pretensamente objectivo e aquele que não necessita de assim se auto-designar: «Quaisquer que sejam as altas esperanças da ficção, trata-se bem de uma biografia. Todo o trabalho de consulta, que foi extenso e oneroso; toda a contribuição de pessoas familiarizadas com o assunto, que foi abundante; assim como o discurso afectivo que se gerou em volta das imagens incontroláveis que são as personagens históricas, mais do que as personagens do romance – tudo isso não pode ficar despercebido. A toda essa intervenção silenciosa que reina sobre o arbitrário da obra realizada, eu dedico este livro.»<sup>10</sup>

E no arbitrário da obra, a inevitável presença da máscara, do duplo, que, com certeza, não se esgota na histórica e simples mudança de nome (cristão e judeu), mas se estende a pequenos detalhes do(s) discurso(s) que nos compete analisar. É interessante verificar que Carolina Michaëlis, apesar do seu rigor de monografia que não admite liberdades de romancista, não consegue fugir da atracção irresistível de representar a figura de Uriel da Costa através de uma imagem que, confessadamente, sabe não ser a sua. Ouçamos Carolina Michaëlis:

«Retratos autênticos de Uriel da Costa não existem. Debalde procurei entre as pinturas e gravuras do grande Rembrandt uma que *pudesse* representar.

*Faute de mieux* faço figurar como Uriel o actor alemão Otto Sommerstorff que em Berlim encarnava, em 1907, o protagonista do drama Gutzkow – dando-lhe uma máscara de impetuoso e atormentado scismador muito característica.»<sup>11</sup>

<sup>7</sup> Cf., Daniel Madelénat, «La Biographie en 1987», in *Le Désir Biographique*, p.16: «elle [la biographie] lutte contre les schématisations simplistes en revenant à l'origine empirique de la décision historique, à la subjectivité, cette face caché du document qui manifeste toujours un désir ou une croyance.»

<sup>8</sup> Cf., Jean-François Louette, «Désillusions Biographiques dans *La Nausée* de Sartre», *idem*, p.141: «L'hiatus entre le réel et l'imaginaire, entre savoir et imaginer est net: impossible d'accéder à du réel passé (la vie du marquis), on ne peut que lui substituer de l'imaginaire présent (un roman sur cette vie).»

<sup>9</sup> Agustina Bessa Luís, *Um Bicho da Terra*, Lisboa, Guimarães Editores, 1984, p.37.

<sup>10</sup> *Idem*, p.7.

<sup>11</sup> Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Uriel da Costa – Notas relativas à sua Vida e às suas Obras*, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol.VIII, N<sup>os</sup> 1 a 4, Coimbra, Instituto de Estudos Históricos e Filosóficos, Imprensa da Universidade, 1922, p.10.

A atribuição de um rosto fictício, e assumidamente fictício, ao pensador português, relativiza a verdade absoluta de um discurso que sabemos ter autenticidade científica, mas que não se pode impedir de desvendar as suas hesitações, o que o vai aproximar irresistivelmente do discurso romanesco. Quando Agustina Bessa Luís tenta identificar Uriel nas personagens representadas em pinturas diversas, mais não está do que a procurar dar rosto a alguém que, insensível mas seguramente, escapa à total compreensão: «No quadro de Rembrandt que se intitula *Os Filósofos*, quis identificar-se um dos modelos com Baruch Espinosa, suspeitando-se que a personagem mais velha seja Uriel da Costa.»<sup>12</sup>; «O quadro que Rembrandt intitulou *Filósofo em meditação*, pintado em 1632, podia ser inspirado no período de excomunhão mais doloroso de Uriel da Costa.»<sup>13</sup>.

Esta insistência nos retratos não é inocente e favorece a aceitação de um discurso dubitativo, cheio de modalizações de dúvida (mesmo no texto de Carolina Michaëlis), e que instaura a ponte entre o campo que se quer científico e o que se assume como fictício, sem necessidade de verificação. Frases como as que a seguir se transcrevem, conferem um tom de incerteza ao texto rigoroso de Carolina Michaëlis: «Tentemos adivinhar agora porquê o estudante abandonaria definitivamente a Universidade sem estar graduado, em 1608; e porque a teria abandonado já uma vez, temporariamente, em 1601.»<sup>14</sup>; «O intervalo de serenidade relativa abrangeria<sup>15</sup> portanto os anos de 1604 a 1608.»<sup>16</sup>; «Creio contudo que teria mais idade, pela razão psicológica apontada, e porque se chamou a si próprio *homo senex* em 1640.»<sup>17</sup>; «Parecem [certas palavras] escritas enquanto Uriel esteve ausente.»<sup>18</sup>; «Se for certo o que conjecturei neste capítulo, é de supor que em Hamburgo existam documentos.»<sup>19</sup>.

De um ponto de vista linguístico os dois tipos de discurso não se afastam, pois as mesmas dúvidas e incertezas assaltam o romance de Agustina, conferindo uma semelhança de processos que só se afastam quando a autora de *Adivinhas de Pedro e Inês* se atreve a congeminar razões e motivos que já derivam de uma análise psicológica e até psicanalítica da personagem. Vejamos, por agora, passagens onde o uso do condicional ou das expressões de dúvida é semelhante ao

<sup>12</sup> *Um Bicho da Terra*, p.10.

<sup>13</sup> *Idem*, p.283.

<sup>14</sup> Carolina Michaëlis, *op.cit.*, p.20.

<sup>15</sup> O sublinhado é nosso para enfatizar o uso do condicional dubitativo.

<sup>16</sup> *Idem*, p.21.

<sup>17</sup> *Idem*, p.22, o sublinhado é nosso.

<sup>18</sup> *Idem*, p.42.

<sup>19</sup> *Idem*, p.43.

do texto de Carolina Michaëlis: «Entre os contemplados estaria Bento da Costa Brandão (o pai de Uriel) com o seu título de cavaleiro fidalgo da Infanta Isabel.»<sup>20</sup>; «É de 1619 que data a segunda prisão de António Homem, e é com toda a probabilidade que os antecedentes desse facto vão interferir na fuga da família (...)»<sup>21</sup>; «Talvez Gabriel fosse um denunciante (...)»<sup>22</sup>; «Houve quem dissesse que os visitantes de Uriel, de passagem na cidade nunca existiram»<sup>23</sup>; «Não se sabe se a entrevista com os visitantes se passou como a descrevi»<sup>24</sup>.

A dualidade que se pode entrever nas hipóteses várias revela-se também a outros níveis que se prendem com a construção da personagem e do ambiente e que já não têm uma actualização linguística tão directa como a dos exemplos que acabámos de citar. No entanto, as ilações psicológicas, embora ainda incipientes, que Carolina Michaëlis adianta, podem considerar-se outros tantos indícios do processo tão caro a Agustina: «Só por ser o sonhador idealista e confessor ingénuo que era, e por se haver convertido ao Judaísmo, é que o Luso-Judeu não lucrou dos benefícios da Liberdade Holandesa, senão o de se circuncidar (...)»<sup>25</sup>; «Na sua vida não há o heroísmo rectilíneo de quem tenaz e ininterruptamente combate até vencer. Nem há aquele menosprezo altivo, e ao mesmo tempo acautelado, que faz pairar intangível em altitudes superiores às inépcias da multidão.»<sup>26</sup>; «Bondoso como era, deriva essas sugestões (...) do desejo pedagógico de educar, tentando desculpar mesmo os Fariseus e Escribas.»<sup>27</sup>.

É evidente que no romance de Agustina Bessa Luís esta tendência de interpretação psicológica é elevada ao extremo, ao ponto de quase podermos afirmar que ela constitui o mais importante fulcro da obra. É logo no prólogo que a autora apela para o ambiente de mistério que paira sobre a personagem ao afirmar que «Ao decidir-[s]e pelo drama de Uriel da Costa, não f[e]z mais do que retomar uma antiga ideia que [l]he foi sugerida pelos mistérios do Porto, tão densos e fantásticos como os mistérios de Paris.»<sup>28</sup>

Ao contrário do que se passava com o romance histórico tradicional, não há neste livro a mínima preocupação didáctica, pressupondo-se até, pelo contrário, que o leitor já conhece a história factual, só assim podendo entender as

<sup>20</sup> *Um Bicho da Terra*, p.14.

<sup>21</sup> *Idem*, p.66.

<sup>22</sup> *Idem*, ib.

<sup>23</sup> *Idem*, p.297.

<sup>24</sup> *Idem*, p.301.

<sup>25</sup> Carolina Michaëlis, *op.cit.*, p.30.

<sup>26</sup> *Idem*, p.59.

<sup>27</sup> *Idem*, p.63.

<sup>28</sup> *Um Bicho da Terra*, p.7.

considerações que a narradora vai tecendo, num discurso frequentemente circular e repetitivo, que se destina a desvendar o que apenas poderá ser entrevisto numa monografia como a de Carolina Michaëlis, cujo propósito único é o de contribuir para o conhecimento do pensador portuense. O tipo de narração oferecido em *O Bicho da Terra* é assumidamente definido como acronológico: «A quem a repetição destes factos profane os direitos da paciência, direi que não só na música um tema se desenvolve em diferentes tons, ligeiros ou moderados, redundantes ou dispersos. As letras merecem também esse tratamento, porque a harmonia dum texto não se confina à fluidez da história.»<sup>29</sup>. Perante tais afirmações, não será difícil de aceitar as várias análises de Agustina que, no fundo, mais não são do que o desenvolvimento da «história de um homem instável e inseguro»<sup>30</sup>, como escreve Pinharanda Gomes, ou de um verdadeiro *marrano*, como defende Carolina Michaëlis, num segundo estudo sobre o mesmo tema<sup>31</sup>.

São inúmeras as passagens que aludem à caracterização psicológica da Uriel da Costa, ajudando, através da repetição, a incutir no leitor a imagem que se pretende transmitir: «As suas contínuas variações de humor, o génio apaixonado, a vaidade que a sensibilidade delicada tornava insidiosa, causavam inquietações à família.»<sup>32</sup>, «homem do autêntico ressentimento»<sup>33</sup>; «Desde criança, Gabriel era imbatível na moderação dos seus juízos e no espírito da sua lógica. Nunca se exaltava, e procurava dar às ideias uma conexão com as coisas.»<sup>34</sup>; «Não possuía grande coragem física, excepto se a histeria lhe soltava um poder que lhe permitia coisas singulares.»<sup>35</sup>; «Gabriel não judaizava ao ceder a outros ritos; tornava-se um homem do discurso, de nenhuma parte, e os pequenos tiques alimentares só serviam para tranquilizar o espírito demasiado convulso e disperso, angustiado pelo apelo do poder sem medianeiro, o poder como discurso e civilização da palavra.»<sup>36</sup>; «Mas Uriel era em parte um neurótico, em parte um artista»<sup>37</sup>; «Uriel da Costa personifica a melancolia dum atraso inevitável da civilização.»<sup>38</sup>.

<sup>29</sup> *Idem*, p.146.

<sup>30</sup> Pinharanda Gomes, «Naturalismo e Libertinismo. Uriel da Costa», in *Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Porto, Lello & Irmão – Editores, 1981, p.264.

<sup>31</sup> Carolina Michaëlis, «Uriel da Costa – Notas Suplementares Relativas à sua Obra», in *Lusitania – Revista de Estudos Portugueses*, Lisboa, Fascículo I, Janeiro de 1924, pp.11-12.

<sup>32</sup> *Um Bicho da Terra*, p. 29.

<sup>33</sup> *Idem*, p.35.

<sup>34</sup> *Idem*, p.47.

<sup>35</sup> *Idem*, p.68.

<sup>36</sup> *Idem*, p.161.

<sup>37</sup> *Idem*, p.231.

<sup>38</sup> *Idem*, p.241.

De acordo com os conceitos enunciados, não estranha a qualificação de Uriel como um personagem «apoderado do sentido da tragédia»<sup>39</sup>, um «anjo da desordem»<sup>40</sup>, que acabou por encontrar no exílio «um sentimento de perda irreparável»<sup>41</sup>, embora «saísse do Porto, não tanto por medo como por rebelião e altivez natural.»<sup>42</sup>. Esta interpretação sistemática de todos os factos relacionados com a vida da personagem leva a narradora a tirar outras ilações que explicariam o carácter mortificado e a sua principal tese – a mortalidade da alma, à semelhança da dos animais.

A predominância do universo feminino em quase todos os romances de Agustina, acaba por ter consequências muito próprias, uma vez que a narradora atribui sempre à mulher um papel predominante no desenrolar das intrigas, transformando-as em motores indispensáveis do devir histórico. Em *Adivinhas de Pedro e Inês* é esta quem move, mesmo se subrepticamente, a trama que levará à sua morte, à guerra civil e à vingança de Pedro; no romance de que nos ocupamos, também as mulheres parecem ter um papel mais relevante do que aquele que historicamente lhes costuma ser conferido, sobretudo a mãe do filósofo, a quem se reconhece importância primordial nos acontecimentos de que estava ausente, mas que parecia tutelar: «Branca era uma dessas mulheres que fazem da cultura uma omissão para melhor a venerarem. Não lia nem gostava sequer de assistir a debates eruditos. (...) Mas era Branca quem sustentava a oportunidade e que tudo fazia para a [discussão teológico-hebraica] animar com a presença de pessoas de qualidade.»<sup>43</sup>.

A supremacia da feminilidade, subterrânea e perversa, parece ter um poder sobre Uriel, ao ponto de o dominar ou de o transfigurar, escrevendo-se que «a sua inteligência era feminina»<sup>44</sup> ou que «Uriel é a feminilidade no judaísmo»<sup>45</sup>. As considerações da narradora pretendem explicar a actuação do judeu como consequência da influência do mundo feminino que o rodeava, tal como Belchior de *O Mosteiro* que, escreve a história de D. Sebastião para exorcizar, através de um caso semelhante ao seu, a imagem castradora das mulheres que o rodeiam. Também Uriel não teria conseguido escapar a esse fascínio-repulsão, envolvendo-se num mundo que, simbolicamente o matará:

«A feminilidade, na mãe e na esposa, envolvia Uriel, enlaçava-o, esmagava

---

<sup>39</sup> *Idem*, p.71.

<sup>40</sup> *Idem*, p.104.

<sup>41</sup> *Idem*, p.101.

<sup>42</sup> *Idem*, p.78.

<sup>43</sup> *Idem*, pp.20-21.

<sup>44</sup> *Idem*, p.130.

<sup>45</sup> *Idem*, p.215.

nele a personalidade, a masculinidade. As mulheres eram soberanas, sobretudo depois que viveram os três, excluindo cada vez mais o resto da família. (...) A feminilidade reinava, com ela a fome de procriação, o cheiro ácido do sexo, levemente piscícola, nos períodos de acasalamento. Todavia, isto era a história subterrânea e lancinante; que havia toda uma graduação de gestos de repressão, de escusa, de fingimento, tão apurados que não deixavam prever a face obscura do fenómeno íntimo. Era a oração ritual, a comida ritual, o carácter material da palavra doutoral que afastava o impuro, havia o discurso crítico e o génio da castração que estabelecia o contacto entre as mulheres e o homem, Uriel. O poder da feminilidade contra a necessidade de história que é uma vontade viril.»<sup>46</sup>

A insensibilidade erótica que a narradora atribui a Uriel situar-se-á na mesma linha de interpretação, enfileirando a personagem ao lado de outras tantas figuras masculinas, inseguras, sexualmente impotentes ou problemáticas.

Detentor de tais qualidades, «portador do antideestino»<sup>47</sup>, só resta a Uriel o suicídio, que a narradora considera como «um gesto mágico, destinado a satisfazer as fantasias e os desejos que, devido ao seu génio inegável, resultavam numa linguagem de alcance paradisíaco.»<sup>48</sup>. E se a criada Ancila tenta, segundo Agustina, esconder os vestígios de suicídio, ignorando a necessidade inelutável desse desenlace, a verdade é que ela acaba por compreender o gesto do seu amo e até de vislumbrar, ou a narradora por ela, um olhar de ironia que, melhor do que o *Exemplar Vitae Humanae*, encontrado a seu lado, traduzirá a suprema vingança.

No estudo de Carolina Michaëlis é nítida a interpretação que ela dá do último texto de Uriel:

«A vingança que toma, vencido da vida, é a sua autobiografia: o *Exemplar Vitae Humanae* – vingança que toma do Magistrado holandês, dos príncipes da Sinagoga de Amsterdam, de todo o Judaísmo, de todo o género humano.

A vingança consiste em desmascarar os Fariseus e *Escribas*, em legar o seu testamento ao mundo inteiro.»<sup>49</sup>

Agustina Bessa Luís é mais subtil, ou antes, coloca a actuação do judeu ao nível da atitude dúplice mais do que de um óbvio escrito. A ironia, patente no seu olhar, testemunha mais uma vez da máscara de que falávamos no início, contribuindo para uma leitura mais interpretativa do que factual.

Também não devemos deixar em claro a insistência da romancista no nome

---

<sup>46</sup> *Idem*, p.213.

<sup>47</sup> *Idem*, p.206.

<sup>48</sup> *Idem*, p.314.

<sup>49</sup> Carolina Michaëlis, *op.cit.*, 1922, p.55.



de Espinosa, bastante mais novo do que Uriel, mas ainda seu parente, e em quem este teria tido influência determinante. No seu primeiro estudo, Carolina Michaëlis não dá muito relevo à figura do célebre filósofo, mas no segundo, de 1924, já lhe confere muito mais importância, de acordo com os novos dados fornecidos pelo estudioso alemão, Carl Gebhardt<sup>50</sup>.

É claro que enquanto Carolina Michaëlis se limita a indicar a influência do pensamento de Uriel em Espinosa, Agustina vai mais longe, explicitando vectores psicanalíticos que só se poderão legitimar num texto que tente a impossível tarefa de desvendar a máscara para, paradoxalmente, a impor de novo: «Para Uriel da Costa, como para Baruch Espinosa, o judeu tinha que ser uma tragédia privilegiada, a da dispersão como criação.»<sup>51</sup>

Ora, a máscara começa logo a impor-se quando se assiste à mudança de nome, como aliás o próprio Uriel refere, no último parágrafo do *Exemplar Vitae Humanae*, já citado. Agustina aproveita-se desta dupla nomeação para distinguir, ao nível do discurso, Gabriel e Uriel, conforme as circunstâncias. Começando por designar a personagem sempre de Gabriel, o nome cristão, vai insensivelmente mudando para Uriel, o nome judeu adoptado aquando da conversão. Casos há, porém, em que na mesma página se oscila entre uma e outra designação, chegando ao extremo de unir as duas, numa ostensiva alusão à duplicidade da máscara: «Gabriel (Uriel) deve ter sido afectado por esse tom, que ele bem conhecia dos púlpitos de S. Bento da Vitória e do tribunal da Inquisição, que lhe marcara a fogo alguns membros da família. O primeiro choque deu-se com Isac Uziel, que morreu em 1622, e que provavelmente não chegou a ler o *Exame das Tradições Farisaicas*.»<sup>52</sup>; «Gabriel-Uriel estava preparado para combater a abstracção que é o contornar da experiência positiva.»<sup>53</sup>.

Noutros casos, o nome varia no mesmo parágrafo, de acordo com os actos ou os pensamentos da personagem, que é Gabriel quando há qualquer relação com a vida na Península Ibérica e é Uriel quando se cinge à actuação em Amsterdão: «Mas se a família franqueou as etapas do cripto-judaísmo até ao judaísmo rabínico ou mesmo simples romantismo judaizante, por preconceito aristocrático face ao itinerário espiritual dos antepassados, o caso de Gabriel da Costa parece mais

---

<sup>50</sup> Para o estudo da influência de Espinosa, ver também, Meyer Kayserling, *História dos Judeus em Portugal*, trad. de Gabrielle Borchart Corrêa da Silva e Anita Novinsky, intr., actualização bibl. e notas de Anita Novinsky, São Paulo, Livr. Pioneira Ed., 1971, p. 243.

<sup>51</sup> *Um Bicho da Terra*, p.306.

<sup>52</sup> *Idem*, p.176.

<sup>53</sup> *Idem*, p.232.

turbulento e complicado. (...) Mas Uriel fez obra de escândalo a partir do momento em que se voltou contra si mesmo, querendo reduzir esta violência interior a um diálogo de ideias. Que se passou em tão breve período, desde a sua chegada a Emden (diz-se Amsterdão, directamente), da sua permanência em Hamburgo e da circuncisão, ritual que pressupõe uma vontade psíquica bem definida?»<sup>54</sup>

Esta oscilação aumenta a indefinição da personagem que se mantém *um bicho da terra*, numa obscuridade consentida, que é favorecida pela reescrita da História que Agustina leva a cabo, mesmo se não inventa nenhum facto, segundo ela própria diz, e se se cinge à leitura interpretativa do que Carolina Michaélis e outros<sup>55</sup> descreveram, de acordo com descobertas de textos e documentos.

Uriel da costa torna-se subitamente uma personagem de Agustina, tal como todas as outras dos muitos e variados romances que escreveu.

*Maria de Fátima Marinho*  
(Universidade do Porto)

---

<sup>54</sup> *Idem*, pp.173-174.

<sup>55</sup> Ver também, a título de exemplo, J. Lúcio d’Azevedo, *Historia dos Christãos Novos Portugueses*, Lisboa, Livr. Clássica Ed., 1922 e J. Mendes dos Remédios, *Os Judeus Portugueses em Amsterdam*, Coimbra, F. França Amado, Editor, 1911, pp.157-168, fac-similado in David Franco Mendes – J. Mendes dos Remédios, *Os Judeus Portugueses em Amesterdão*, estudo introdutório de Manuel Cadafaz de Matos e Herman Prins Salomon, Lisboa, Ed. Távola Redonda, 1990.